



**ALINE LOPES MARTINS**

**SENSIBILIDADE SE ENSINA?**

**A arte como experiência estética em um grupo de crianças  
de 4 a 6 anos**

**MONOGRAFIA**

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

Rio de Janeiro, setembro de 2018



**ALINE LOPES MARTINS**

## **SENSIBILIDADE SE ENSINA?**

### **A arte como experiência estética em um grupo de crianças de 4 a 6 anos**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-graduação da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Infantil.

Orientadora: Aline F. Silveira

Rio de Janeiro, setembro de 2018

*“A educação que um menino recebe dos objetos, das coisas, da realidade física [...], torna - o corporalmente aquilo que é e será por toda a vida. O que é educado é a sua carne, como forma de seu espírito.”*

*Pier Paolo Pasolini*

## **AGRADECIMENTOS**

À querida professora Aline, pela orientação precisa, leitura atenciosa e olhar cauteloso. Obrigada pelo carinho, generosidade, disponibilidade e por possibilitar um caminho livre para a minha criação.

Aos professores da Pós-Graduação, pelo conhecimento compartilhado.

Ao grupo de pesquisa INFOC, por ampliar meus olhares para a Educação Infantil, por ter contribuído muito para a minha formação.

À direção e coordenação da escola em que trabalho por, além de autorizar minha pesquisa, me mostrar quão incrível é o mundo da Educação Infantil.

Às crianças, que me ensinam a estar aberta para as infinitudes de possibilidades que a vida nos oferece.

A Renata Maciel, amiga querida, parceira das aulas e da vida.

A Ana Maria e Desirée, pela parceria e força diária durante o processo de escrita.

A meus pais Sergio e Marinalva, pelo orgulho que sei que sentem, por estarem sempre presentes e acreditarem em mim.

Ao Bernardo, meu afilhado que sempre me fortalecia com seus beijos nos momentos de estudo e escrita.

Aos meus sobrinhos Pedro e Guilherme, por fazerem meu coração transbordar com cada foto recebida enquanto o trabalho me afastava.

A minhas irmãs e meu irmão por quem tenho profundo amor.

A Nathalia, minha cunhada e parceira de profissão, pelas trocas.

Ao Jorginho e Artur, pela alegria de sempre.

A Mayra Ventura, pela amizade de ontem, de hoje e de sempre.

A Carla Tavares, pela força, companhia e incentivos muito bem-vindos.

A Angela e João Márcio, pelo nosso trio.

A Deus, pela a vida.

## **RESUMO**

A proposta deste trabalho, é investigar como as linguagens artísticas aparecem na escola de Educação Infantil. Problematicar e discutir se as crianças trazem seu repertório artístico para a escola; o que trazem nos momentos livres. O texto situa o porquê da escolha do tema, o entendimento de concepção de criança e de arte como experiência estética na Educação Infantil. Neste caminho, a concepção de criança e a experiência estética são vista como fundamental. Kramer nos ajuda a pensar na criança como cidadã, sujeito que produz cultura e nela é produzido; Vigotski contribui na reflexão sobre as emoções que a arte pode nos provocar, as quais são inexplicáveis; Barbieri fundamenta a reflexão acerca da arte na educação, no sentido de apontar a importância desta para a formação completa do ser. A pesquisa de campo, realizada em uma escola privada de Educação Infantil, em uma turma de 16 crianças, evidencia situações onde em momentos livres as crianças utilizam de diversas maneiras seus repertórios artísticos, quando desenhavam, dançavam, cantavam, brincavam. A própria pesquisa, ao acompanhar a trajetória das crianças, através de registros escritos e fotográficos, mostra como constituem sentidos no processo criativo, na formação integral, do humano a oferta de possibilidades de experiências estéticas e aponta caminhos para priorização de uma Educação Infantil onde haja educação para estética, educação dos sentimentos e emoções.

**PALAVRAS - CHAVE:** Educação Infantil; Artes; Experiência Estética.

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	07
1. O espaço observado.....	10
2. A arte e a experiência estética na Educação Infantil.....	12
3. O espaço: comunica, educa, forma.....	15
4. Territórios sem fronteiras: a arte na prática pedagógica.....	18
5. Criança arteira e seus repertórios artísticos em momentos livres.....	22
5.1 O que as crianças cantam nos momentos livres.....	22
5.2 O desenho como porta para a imaginação, para a criatividade.....	25
5.3 O corpo fala através da dança, dos movimentos, da brincadeira....	28
5.4 Artes plásticas: possibilidades com a ponta do lápis.....	31
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
BIBLIOGRAFIA .....	35

## Introdução

### ***A função da Arte/1***

*Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff,  
levou - o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul.  
Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.  
Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia,  
depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi  
tanta imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo  
de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando,  
pediu ao pai: - Me ajuda a olhar!  
Eduardo Galeano*

Dentre tantos assuntos e temas que me tocaram durante o curso de especialização em Educação Infantil, o que me saltas aos olhos é a arte. Acredito que esse interesse não surgiu em um momento isolado, mas sim aliado a algo que carrego comigo, construído através de experiências vividas, das andanças que até aqui fiz, que me formaram, transformaram, formam, transformam o tempo todo.

Não sei bem quando tudo começou, talvez tenha sido na minha infância. Lembro-me que quando criança estava sempre na casa de uma tia que tinha alguns quadros na parede, eu ficava horas observando-os; da creche que frequentei que mais parecia um grande castelo, com escadas enormes e pisos de madeira; dos desenhos que fazia com meu pai e minha irmã mais velha; das brincadeiras na natureza, com terra, água, pedras; das flores e verduras que plantei na horta de minha tia e na casa de minha avó.

Nem do poeta nem do leitor conseguiremos saber em que consiste a essência da emoção que os liga à arte e, como é fácil perceber, o aspecto mais substancial da arte consiste em que os processos de sua criação e os processos do seu emprego vêm a ser como que incompreensíveis, inexplicáveis e ocultos à consciência daqueles que operam com ela (VIGOTSKI, 1998, p. 81).

O meu desejo de estudar sobre a arte na Educação Infantil vem dessa emoção, algo inexplicável que me liga a arte de alguma maneira, assim como relata Vigotski, e que se une à minha experiência enquanto criança e tempos depois enquanto professora na Educação Infantil.

Segundo Barbieri (2012) por mais que uma situação seja volátil e passageira, pode sempre ser uma experiência, e cada uma delas contribui para fazer de nós o que somos. A autora ressalta que muitas vezes as experiências

mais marcantes, que nos tomam e nos transformam, muitas vezes podem acontecer em um milésimo de segundo e nos marcar para o resto da vida.

Dia ensolarado, crianças brincando com uma massa marrom, escorregadia, um tanto gelada, modelando, criando formas. Um chão de cimento, alguns declives... Muitos sentimentos em uma simples brincadeira, mãos pequenas que se movimentam e dão formas ao barro, a argila. Uma alegria sem fim em poder se sujar, experimentar. Uma atividade rotineira que me possibilitou uma corrente de sentimentos. Sem dúvida, havia concentração e entrega ao que estava fazendo, um espaço e tempo mágico, que não era fácil sair. É assim que me recordo de alguns momentos que vivi na creche onde eu estudava.

A relevância da presente pesquisa ocorre devido à preocupação com as diversas linguagens da arte no cotidiano da Educação Infantil. Pretendo refletir sobre a importância e questões da arte. Quando iniciei no Espaço Criarte<sup>1</sup>, onde a arte está e se faz presente a todo momento, principalmente as Artes Visuais, a Dança, a Música e o Teatro<sup>2</sup>, comecei a aprender a cada dia e perceber que as crianças que já estão na escola há mais tempo, sempre fazem referência a algumas linguagens artísticas com as quais a escola trabalha. Isso acontecia quando as crianças estavam em momentos livres, como exemplo, nas brincadeiras no pátio, nas mesas de desenho livre, no momento do lanche e em outras situações onde não haviam mediação de um adulto.

Nas práticas, nos espaços, no dia a dia da escola observada, há uma forte presença da cultura escolar refletida na valorização dada às linguagens artísticas. É como se a cultura de cada um fosse incluída no currículo, aumentando cada vez mais o repertório artístico<sup>3</sup> de todos que transitam pela instituição, há experiências singulares que se tornam coletivas a todo momento.

A pesquisa entende a criança como cidadã, ator social, sujeito que produz cultura e nela é produzida (KRAMER, 1999). Reflete sobre a necessidade de perceber o mundo do ponto de vista da criança, assim, aprender com elas. Tudo o que não serve para ninguém, chama a atenção das crianças, a pedrinha no pátio, a lanterna esquecida no chão depois de uma atividade. A forma como agimos nunca é neutra, está sempre colada com nossas concepções, do lugar que falamos, de onde viemos. Quais as potencialidades que as crianças trazem em

---

<sup>1</sup> Nome fictício.

<sup>2</sup> O teatro não será olhado, pois só é oferecido como aula extra e está mais presente no cotidiano das crianças do Ensino Fundamental.

<sup>3</sup> Universo de experiências estéticas que já vivemos.



si? A relação do ser humano com o mundo não é direta, ela é sempre mediada pela cultura, pelo outro, a criança se apropria e ressignifica, ela não é uma esponja, não absorve. Assim, nós professores devemos possibilitar, criar estratégias onde as artes estejam presentes em todas as atividades, pois a experiência estética é a experiência do sujeito com um outro, consigo mesmo e com o mundo, o professor na Educação Infantil é quem deve mediar essa relação.

A partir dessas inquietações que regem minha prática, desdobro o olhar para essa monografia: como acontece o movimento da arte, da experiência estética na Educação Infantil da escola? Não irei estudar a instituição, mas as relações que as crianças de um grupo específico estabelecem com a arte nesse espaço, dentro de seus momentos livres.

A pesquisa tem como objetivo investigar como as linguagens artísticas aparecem no Espaço Criarte, problematizando as seguintes questões: As crianças trazem seu repertório artístico para a escola? O que as crianças trazem de repertório artístico nos momentos livres? Como a arte aparece nas crianças? Como a arte aparece na escola através das crianças?

Para realizar essa pesquisa tomei como base levantamento bibliográfico, observações de campo – de crianças na faixa etária de 4 a 6 anos em momentos livres – e análise teórico-reflexiva a partir do cruzamento de textos e contextos que propiciavam significações em relação ao tema proposto nesta monografia.

## 1. O espaço observado

A escola onde foram realizadas as observações fica situada na zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Trata-se de uma escola privada que atende crianças da Educação Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental. Há três unidades: uma de Educação Infantil, uma de Educação Infantil e 1º ano do Ensino Fundamental e uma que compreende o 2º ao 9º ano do Ensino Fundamental II.

As observações aconteceram na unidade onde há a Educação infantil e o 1º ano do Ensino Fundamental I. O prédio é uma casa de três andares, a escola funciona com uma dinâmica de rodízio de espaços. Na instituição há um pátio na lateral, uma sala de artes, uma sala de apoio, uma sala de jogos, sala de ciências, duas salas para as turmas de 1º ano, um salão onde acontecem as aulas de dança, de música e outras atividades e uma biblioteca com um rico acervo. Todos os espaços são bem arejados, claros, com grande quantidade de material para diversas possibilidades de experiências no cotidiano escolar.

As observações de campo foram realizadas no decorrer de quatro meses, no primeiro semestre do ano de 2018 em horários, dias e momentos diferentes da rotina escolar. A turma observada é composta de 16 crianças na faixa etária de 4 a 6 anos. Há uma professora regente e uma auxiliar de turma. No grupo há duas crianças com necessidades específicas, ambas diagnosticadas como autistas.

Antes de realizar as observações de campo, considerei algumas questões contidas na Proposta Pedagógica da escola:

A sensibilidade desenvolvida nas atividades relacionadas às diversas linguagens – especialmente as artísticas – reflete-se no despertar da vontade de descobrir, de inovar e de exteriorizar o potencial criativo, favorecendo a autoconfiança e o desejo de atingir a realização como ser social, histórico e cultural. Através da apreciação e do fazer artístico, buscamos o exercício do pensar, do discutir e do analisar os aspectos estéticos, manifestados em diferentes épocas e culturas. O desenvolvimento das habilidades específicas de cada linguagem (Artes Visuais, Teatro, Dança, Música) se dá através de projetos que integram as diferentes disciplinas escolares (Retirado do site da escola Espaço Criarte, 2018).

Ler esse texto contribuiu para delinear um olhar para o campo de observação e para pensar em quais linguagens a pesquisa se debruçaria. Assim, o recorte para os momentos livres das crianças na rotina escolar ganhou força e

as artes plásticas, a música e a dança surgiram como as principais linguagens artísticas no exercício de observação.

A escolha por realizar a pesquisa no Espaço Criarte, surge através desse percorrer pelas práticas pedagógicas no dia a dia e pelo documento da proposta pedagógica<sup>4</sup> da instituição que ressalta atenção especial que eles têm às artes. A escola acredita que através da arte as crianças podem aprender sobre todos os aspectos, que a arte favorece a autoconfiança e o seu desejo de realização como ser social. Sendo esse um eixo privilegiado, entendo que a escola se esforça para que as múltiplas linguagens se tornem possibilidades de expressão de conhecimento e pensamentos acerca do mundo, da natureza, das culturas, do ser no cotidiano na Educação Infantil.

Através do fazer artístico a instituição busca realizar o exercício do pensar, discutir, analisar aspectos estéticos de diferentes épocas e culturas. Logo colocam em prática um importante princípio que o documento das DCNEI aborda: *Art. 6º III – Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais.*

---

4 Durante a pesquisa senti a necessidade de ler a proposta pedagógica da instituição com o olhar de pesquisadora.

## 2. A arte e a experiência estética na Educação Infantil

*As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis:  
Elas desejam ser olhadas de azul –  
Manoel de Barros*

### 1.1 A arte para além da formação escolar, para a formação humana

Moura (2012) nos ajuda a discutir o lugar da arte, no cotidiano da Educação Infantil. Nos faz refletir se as crianças estão tendo tempo e espaço para ver o mundo com muitos olhos e assim recriá-lo, transformá-lo. Para a autora a arte tem a capacidade de proporcionar aos seres humanos um conhecimento sensível e precioso, o qual é insubstituível ao ser humano.

As artes, como linguagens, são expressões de conhecimentos sociais e culturais que possibilitam às crianças exercer seu potencial imaginativo e criativo. Nas atividades artísticas, as crianças conectam-se com seus sentimentos, dando forma à imaginação (MOURA, 2012, p.77).

Devemos pensar na arte dentro das instituições de Educação Infantil como não fragmentada. Ao contrário, como integradora de sensibilidade, é preciso pensar sempre em algo que integre sensibilidade, expressão e conhecimento. As linguagens artísticas devem estar contextualizadas e dar espaço para a expressão das crianças.

Barbieri (2012) ressalta a ideia de que a criança é sinestésica – atua no mundo com todos os sentidos, logo, não podemos correr o risco de seccionar esse ser integrado. A autora nos faz refletir sobre algumas questões: como trabalhar através do repertório artístico que as crianças trazem a partir de suas vivências fora da escola? Silenciamos as crianças? Há espaço para que se expressem?

Oswald (2011) nos fala sobre uma *Educação pela carne*. Para a autora, a presença frequente da arte na escola impulsiona às crianças momentos de *estesia*, ou seja, de sentir a flor da pele as emoções trazidas pelas diversas linguagens artísticas trabalhadas na escola. As paredes com as produções das crianças, a tinta, os pincéis da sala de artes, as conchas, as plantas, a coleção de pequenos animais da sala de ciências, entre outras coisas, tudo isso educa a carne, entra pelos ouvidos, olhos, por todo o corpo.

A partir do conceito de *estesia* proposto por Oswald, podemos refletir sobre o que venha a ser estética, sensação, sensibilidade.

A experiência estética é aquela que sensibiliza, que emociona, não tem a ver necessariamente com o belo, com a contemplação de uma obra de arte, com um estado de transe que supostamente traz inspiração para o artista executar sua obra... É o que brota a flor da pele, é o que me salta os olhos, é o que me bolea por dentro e me aperta o peito, é o que não tem medida, nem receita, é o que não tem juízo... (OSWALD, 2011, p.25).

Acredito que quando há essa sensibilização através de experiência estética, acontece algo inexplicável que sem dúvida irá marcar a criança, que irá fazê-la lembrar do que foi vivido, compartilhado e isso fará parte dela, parte de sua formação humana. É uma sensação tão boa que transborda, vai além de uma simples experiência, deixa marcas.

De acordo com Nogueira (2005), todos nós temos experiências estéticas, desde quando nascemos. Estão no dia a dia. Cheiros, sons, percepção, imagens, textos, ou seja, tudo que temos o contato durante toda a nossa vida, vai nos constituindo, nos modificando e transformando. As experiências podem nos levar a memórias antigas, algo que já vivemos em algum momento. As experiências que já vivemos nos tornam singular, constituem nosso discurso.

Nunca conseguimos dizer com exatidão por que precisamente gostamos dessa ou daquela obra; quase não podemos externar em palavras aqueles mínimos aspectos essenciais e importantes dessa emoção... (VIGOTSKI, 1998, p. 81).

Muitas vezes entramos em um museu, escutamos uma música, ou passamos por outras situações cotidianas que nos causa grande euforia e não sabemos o porquê. Mas a nossa carne, o nosso corpo sente toda essa energia, esse sentimento, ficamos à flor da pele mesmo sem nos darmos conta do motivo. A experiência estética é altamente subjetiva e torna a realidade mais leve, dá novo sentido às coisas, estas podem nos mostrar perspectivas diferentes acerca da própria realidade que estamos vivenciando.

A experiência estética é um encontro, de nós com a arte, com a natureza, com o outro, com nós mesmos, com o mundo. É despretensioso, natural que nunca sabemos quando ou onde pode acontecer, ou até mesmo em que momento aconteceu. Mas ele acontece, e de maneiras diferentes para cada pessoa. Não se trata de beleza do que vemos, lemos, ouvimos, sentimos. Acredito que não é algo que entra em nós; nós é que entramos nesse mundo. Isso só é possível porque o

sentir estético é um sentir aberto à natureza e à arte, a tudo que nos toca, nos afeta e que nos forma e transforma.

### 3. O espaço: comunica, educa, forma

*O ambiente é visto como algo que educa a criança;  
na verdade, ele é considerado o "terceiro educador",  
juntamente com a equipe.  
Lella Gandini*

#### O espaço como formação estética

Acredito no espaço escolar como um coadjuvante na aprendizagem. Em muitos momentos é mais importante criar ambientes propícios para a exploração do mundo ao redor da criança do que focar em atividades de exploração de conceitos.

Barbieri (2017) nos fala sobre a importância de pensarmos na organização dos espaços previamente, e no quanto essa organização pode possibilitar o processo de criação, imaginação das crianças. Como exemplo, a importância em se expor os trabalhos feitos pelas crianças não apenas nas mostras culturais, mas durante todo o ano, nas paredes das salas e pela escola.

Quando pensamos na organização dos murais, quando damos evidência a produção das crianças, sem infantilizar, estamos educando esteticamente, proporcionando uma experiência estética, educando os olhares de todos que circulam por esse espaço. Possibilitamos às crianças o encontro com a arte, o respeito à contemplação de sua produção e de seus pares e tudo o que há no espaço onde estão. O espaço também fala, comunica-se, educa, ele tem intenção. Muitas vezes nos orienta a uma ação ou nos paralisa se nos deparamos com algo novo. Os espaços nos suscitam ritmos – se é muito quente, imprime um ritmo; se o ambiente é agradável, embaixo de árvores ou em uma sala confortável e iluminada, imprime outro (BARBIERI, 2017, p. 49).

A criança necessita sentir vontade de interagir com o espaço e com o que há nele. Nós professores podemos intervir nos espaços, organizando-os para receber as crianças. Quando criamos um ambiente temos uma intenção, mas essa pode ser desconstruída e recriada pelas crianças que são seres criativos, e estão sempre modificando, adequando o espaço para suas aventuras.

...se os diferentes espaços suscitam diferentes relações das crianças consigo, com as outras crianças, com os adultos e com o próprio espaço, eles influenciam a formação da subjetividade das crianças. Nesse sentido, frequentar a escola possibilita a elas experimentar um contexto espacial (material e simbólico), social e cultural diferente de seu ambiente primário, a família (TOLEDO, 2015, p. 35).

No Espaço Criarte, há produções das crianças espalhadas por todos os espaços. As crianças interagem com suas produções e de seus pares, nas paredes, nos murais e nos variados ambientes da escola. Durante as observações de campo deparei com algumas crianças de diversificados grupos da escola contemplando suas produções e de outras turmas de maneira espontânea. Assim como explorando materiais diferentes que estavam disponíveis para eles, como exemplo, restos de carpintaria que foram doados para escola, mas que através da criatividade das crianças foram transformados em pequenas cidades com grandes prédios, pequenas casas, pontes e muito outros lugares possíveis para a imaginação de quem brinca.



No pátio, há um local chamado mochileiro, onde todas as crianças das turmas de Educação Infantil guardam suas mochilas no início do dia. Por ficar no pátio há alguns caixotes com materiais diversos, como exemplo, esses pedaços de madeiras que as crianças estão brincando.



No hall, entre o pátio e a entrada da escola. Há um mural de cada lado nas paredes e bancos de madeira. Nesse mural havia fotos de crianças de outra turma e por cima das fotos há uma folha de papel vegetal a qual as crianças desenharam e transformaram-se em bichos, monstros e outros possíveis personagens.





Nas escadas da entrada do prédio, que liga o primeiro ao segundo andar, há essas silhuetas das crianças da turma do primeiro ano brincando com alguns movimentos que o corpo é capaz de fazer.



Nas paredes externas da sala de artes, há dois murais e neles três painéis produzidos coletivamente pelas crianças de cada turma para enfeitar a festa junina. Depois de enfeitar a festa, os painéis voltaram e interagem com o espaço escolar.



Essa produção foi realizada pelas crianças da turma observada para essa pesquisa. Daniela viajou para uma pousada em meio a natureza. Junto com sua família fez registros de miudezas que encontrou na natureza. Sua mãe é fotógrafa e presenteou cada criança da turma com uma foto diferente, as quais Dani contava as histórias, quem tirou, por onde ela e sua família estavam passando naquele momento... Após as crianças da turma escolherem suas fotos, fizeram um fundo com tinta guache para colocar a foto, a professora colocou um papel vegetal por cima da foto, de maneira que as crianças pudessem levantá-lo e depois pediu para que cada criança destacasse o detalhe que mais gostou em sua foto.

#### **4. Territórios sem fronteiras: a arte na prática pedagógica**

*... para encantar, é preciso encantar-se*  
Luciana Ostetto

Só conseguimos encantar o outro quando estamos encantados (OSTETTO, 2010). Com a arte e a experiência estética é assim. Quando falamos sobre algo que nos emociona, afeta, sensibiliza, nos expressamos com todo o corpo e este sinaliza o quanto está embevecido, ou não. A entonação da voz, os gestos das mãos, o brilho nos olhos, tudo isso fala além, mais que as palavras. A arte é formação para a sensibilidade, formação do homem completo.

Segundo Vigotski (1998):

O prazer propiciado pela criação artística atinge o ponto culminante quando ficamos quase sufocados de tensão, com o cabelo em pé de medo, quando as lágrimas rolam involuntariamente de compaixão e simpatia. Tudo isso são relações que evitamos na vida e estranhamente procuramos na arte. (VIGOTSKI, 1998, p.83).

A arte nos possibilita vivenciar diversas emoções, sentimentos que às vezes podemos gostar ou não. Até mesmo algumas sensações que gostaríamos de evitar na vida real. Ao mesmo tempo que a arte provoca em uma pessoa excitação, conforto, contentamento, calma; ela pode causar em outra angústia, afronta, aperto, falta. Mas todas essas sensações são singularidades da experiência estética, do sentir a flor da pele, pois não basta viver algo, é preciso permitir que as vivências nos tornem e nos transformem (BARBIERI, 2017, p.33).

Para Vigotski (*apud* SMOLKA, 2010) o professor deve ser um mediador, de forma a possibilitar que os conhecimentos potenciais se tornem reais. Além disso, deve criar espaço para que as mediações entre as crianças aconteçam, através de trabalhos que valorizem a heterogeneidade presente na turma. Considerar a formação estética do professor é permitir a imaginação, é criar. Para Vigotski não se separa imaginação de realidade, pois a imaginação nos leva ao universo da fantasia, entrelaçado com a realidade da vida, das famílias, das relações humanas, dos sentimentos. Ao proporcionar à criança possibilidades de experimentação, por meio do cotidiano da Educação Infantil, maior será sua capacidade criativa e sua compreensão do mundo. Através da criação, pela

linguagem, na manipulação dos signos, a criança se insere no social, sua consciência é constituída e sua ação organizada.

Buber (2003) fala sobre *Formação e Visão de Mundo*. Para ele a formação implica em se ter uma visão de mundo que parta essencialmente de um lugar concreto. E, esta partida ou postura não é neutra, pois não existe um ensinamento livre da visão de mundo que se tem. Buber questiona a fundamentação e os usos que atribuímos a esta visão de mundo, pois quando elegemos uma visão de mundo, nem sempre pode ser a melhor ou nem mesmo a mais correta. Somente chegaremos a algum lugar se soubermos de onde estamos partindo, o que somos e o que queremos ser, onde estamos e para onde queremos ir. Desta forma precisamos saber qual é a visão de mundo que temos para não simplesmente reproduzirmos algo, mas sim nos formarmos e colaborar para a formação do outro.

Outro conceito de Buber (2004) é a *Intenção Pedagógica*, que se refere a prática pedagógica e a relação professor-aluno. A intenção, segundo Buber, é o esforço do educador em obter resultados pedagógicos. Muitas vezes a intenção do professor é a produção. Logo, podemos refletir sobre o fazer das atividades, que muitas vezes não possibilita espaço para a criação, imaginação, fruição das crianças. Dando ênfase apenas no produto final, sem que haja experiência estética, e sim um atropelamento do fazer para cumprir obrigações meramente burocráticas. O quanto silenciemos as crianças nesse momento? E as possibilidades de desenvolver seu potencial criativo? Ficam sem espaço, escuta e liberdade para criar, explorar.

Assim, torna-se importante ressaltar que:

... o criativo, aquele que gera novos mundos, não sabe o que fazer com antigas finalidades e antigas linguagens utilitaristas, pois há algo nele que transcende a toda finalidade. No entanto, se respondesse à pergunta: qual a sua finalidade? – diria aquilo que à toda grande arte cabe responder: si-mesmo e a vida. (BUBER, 2012, p.33)

Nesse trecho, Buber (2012) nos fala de ser criativo na relação na comunidade. Para ele a arte é algo que transcende a uma finalidade. Assim, podemos pensar a relação da arte dentro da escola de Educação Infantil, onde a atividade artística está na maioria das vezes ligada a um produto final. É preciso repensar em nossas práticas como educadores o que queremos quando propomos uma atividade artística? Partindo da ideia que a arte é para ser vivida, experimentada, sentir com o corpo, pois a informação estética não tem lógica, tem

sensibilidade. Devemos viver a formação estética onde não controlamos os resultados e sim deixamos o ser criativo transbordar.

Para Ostetto (2011):

Apresentar desafios para os quais não se espera uma única resposta é algo distinto de oferecer uma atividade “para fazer assim”, para chegar naquilo que o professor determinou que seria o produto final. Implica em considerar especificidades de um campo de conhecimento que não se define pela norma, pois não há regras fixas no modo de produção da arte, suas linguagens são territórios sem fronteiras (OSTETTO, 2011, p.29).

Quando a criança chega à escola, por menor que ela seja, já traz consigo um universo de experiências muito rico. Assim, diante de um novo desafio, de uma atividade cada criança irá realizar com os recursos que possuem, com a bagagem que ela carrega. Não existe uma única maneira de conhecer, de experimentar o mundo. E a experiência estética é repleta de sensações, é fruto do acaso, não se repete. Como educadores temos o compromisso de trazer a arte, a experiência estética como forma de liberdade, com novos desafios, pois *cada experiência que temos é única e, portanto, intrasferível. Experiências podem ser compartilhadas, mas jamais transferidas para outra pessoa* (BARBIERI, 2017, p.30).

Segundo Fulconi (2010) o contato com a experiência artística é muito importante e para o professor proporcionar essa experiência artística, ao menos tem que ter vivenciado algumas delas, visto que não há como encorajar o outro a viver aquilo que nem mesmo você viveu.

A formação da sensibilidade não está restrita ao espaço escolar; ela se dá na vida todos os dias, na relação com os objetos e com as pessoas, na relação com o mundo que nos cerca e, a cada momento, transforma-nos e coloca-nos em contínuo movimento (DIAS, 1999, 177).

Dias (1999) ressalta o importante papel da escola em contribuir na formação desse sujeito sensível. Em seu texto ela traz a questão de o porquê pessoas tão diferentes muitas vezes usam o mesmo modelo de tênis, de mochila ou escutam a mesma música. Até que ponto as crianças também são vítimas dessa sociedade que incentiva o consumo exacerbado.

... então, poderá o professor seguir ajudando meninos e meninas a darem forma e expressão aos seus sonhos e devaneios, às suas múltiplas linguagens. Enfim, a serem autores, criadores! (OSTETTO, 2011, p. 27).

Logo, devemos pensar no professor e na sua indispensável tarefa de encantar, de criar possibilidades para que as crianças se tornem autores e propiciar espaço e experiências onde todos, crianças e professores possam se aventurar e criar. Para isso é necessário escuta atenta, olhar sensível para acolher os diferentes sentidos e significados que a arte apresenta nas diferentes linguagens artísticas.

## 5. Criança arteira e seus repertórios artísticos em momentos livres

*A imaginação é o lugar onde chove.  
Xamã*

Nesse capítulo apresento o campo observado. Trago algumas sequências de ações compartilhadas, momentos em que as crianças se encontravam em atividades livres na rotina escolar da Educação Infantil. Onde a criança *arteira* (Arte + eiro) pode transbordar, fazer travessuras, agir com esperteza na interação com o espaço e seus pares criando novas possibilidades para se reinventar. Durante os eventos que serão apresentados não havia mediação das professoras, nem de outro adulto, apenas encontro e interações das crianças com o espaço, objetos, entre si e com as professoras da turma.

### 5.1 O que as crianças cantam nos momentos livres...

Evento 1, dia 10/04/2018. ***“O Caetano sabia essa!”***

Na sala de apoio, hora do lanche, as crianças:

Isadora<sup>5</sup>, Paola e Sofia estão sentadas a mesa, organizando - se para o lanche.

*Sofia* (cantando) – “Eu tenho uma casinha lá na Marambaia

Fica na beira da praia só vendo que beleza...”

Paola e Isadora cantam junto com a Sofia.

*Sofia* (fala) – “O Caetano sabia essa!”

*Isadora* (fala) – “Ele sabe muito!”

Continuam cantando...

*Todas* (cantando) – “Tem uma trepadeira que na primavera

Fica toda florescida de brincos de princesa...”

*Paola* (cantando) – “O sapo não lava o pé, não lava porque não quer...”

As meninas embarcam na nova música e seguem juntas cantando.

---

<sup>5</sup> Nome fictício. Cada criança escolheu como gostaria de ser identificada nos eventos e análises da pesquisa.

Evento 2, dia 07/05/2018. **“Desculpa, cortei o barato...”**

Na sala de artes, as crianças:

Paola está na mesa de desenho livre e começa a cantar:

“E os inimigos do verde dá sombra ao ar

Que se respira e a clorofila

Das matas virgens destruídas vão lembrar...”

A professora estava em outra mesa, escuta Paola cantando e cantarola junto.

Paola olha em direção à professora e para de cantar.

*Professora* – “Continua! Desculpa, cortei o barato...”

Em seguida, Paola volta a cantar a música, o canto se espalha ainda mais pela sala de artes, pois outras crianças cantam e a professora também.

Nos dois eventos, as crianças trazem seus repertórios musicais. De acordo com Nogueira (2005):

A música também traz efeitos muito significativos no campo da maturação social da criança. É por meio do repertório musical que nos iniciamos como membros de determinado grupo social. Por exemplo, os acalantos ouvidos por um bebê no Brasil não são os mesmos ouvidos por um bebê nascido na Islândia; da mesma forma, as brincadeiras, as adivinhas, as canções, as parlendas que dizem respeito à nossa realidade nos inserem na nossa cultura (NOGUEIRA, 2005, p. 112).

No primeiro evento, as meninas cantam *Só vendo que beleza*<sup>6</sup> de Henricão e Rubens Campos e no segundo *Matança*<sup>7</sup>, de Xangai. Quando estão cantando, as meninas lembram-se de outra criança, Caetano, que sabia muitas músicas, principalmente essa e que faz parte desse grupo social, a escola, onde o grupo conheceu a canção.

No segundo evento, Paola paralisa quando a professora canta junto. Penso no quanto as duas estão sensíveis e abertas ao que está acontecendo ao redor. Paola está em uma mesa onde não há mediação da professora, apenas crianças desenhando livremente, ela está desenhando e cantando quando de

<sup>6</sup><https://www.youtube.com/watch?v=wDDxh56Xlpw>

<sup>7</sup><https://www.youtube.com/watch?v=rsDklK21qal>

repente a voz da professora se junta com a dela, fazem parte do mesmo grupo, sabem as mesmas canções, compartilham o mesmo repertório musical.

As músicas que aparecem nos eventos fizeram parte do repertório de algumas crianças em projetos vividos em anos anteriores. Para Nogueira (2005) é importante ressaltar que toda criança está imersa em um caldo cultural que é formado não só pela sua família, como também por todo o grupo social no qual ela cresce, nesse caso, a escola, pois as músicas que ouvem na instituição não são as mesmas que outras crianças escutam em outra escola, por exemplo. Certamente um repertório musical rico, na escola, fará a criança levar a música consigo para onde for.

Nós, como educadores devemos nos perguntar a todo momento: qual é o meu papel? É preciso ter uma prática pedagógica que promova o encontro com o conhecimento, que amplie o universo de nossos alunos. A música deve permear o dia a dia da instituição. A experiência estética bem vivida nos transforma, nos humaniza.



## 5.2 O desenho como porta para a imaginação, para a criatividade.

Evento 3, dia 27/04/2018. ***“Quando eu abro a porta, eu vejo.”***

A turma está em sua sala de referência, a sala de apoio. A professora e as crianças estão na mesa de desenho livre.

*Juliana* – “Olha os prédios que tem lá no Humaitá!” A menina aponta para o seu desenho, mostrando - o para a professora.

*Professora* – “Uau! São bem altos!”

*Juliana* – “Quando eu abro a porta, eu vejo.”

*Professora* – “A porta do seu prédio?”

*Juliana* – “Não, a porta da varanda e a janela.”

*Professora* – “Quando eu abro a minha, eu vejo árvores.”

*Juliana* – “Lá eu também vejo árvores, montanhas e os prédios.”



Desenho de Juliana, os prédios do Humaitá.

Evento 4, dia 14/06/2018. **“É para adivinhar o formato que sai!”**

Início do da manhã, Daniela sempre é a primeira a chegar. Senta - se na mesa do desenho livre, há lixa de parede e giz umedecido. Ela fecha os olhos e começa a movimentar o giz em cima da áspera lixa. Quando Daniela abre os olhos faz cara de surpresa.

*Professora* – Por que você estava desenhando de olhos fechados?

*Daniela* – É para adivinhar o formato que sai!



Daniela está com os olhos fechados, em seu movimento tentando adivinha o que sai.

De acordo com Barbieri (2012), o momento do desenho, da pintura é um território amplo de muitas expressões e nós professores devemos estar atentos para esses momentos, atentos à maneira singular da expressão das crianças, pois elas têm necessidades específicas.

O desenho traz um prazer visual e motor – o fazer e o ver integrados em um momento de criação. Enquanto desenhamos, dialogamos com o desenho e os traços. (BARBIERI, 2017, p.86).

Quando Juliana fala o que ela vê da sua janela, ela quer falar de algo que está além dos prédios, das árvores e da montanha. Ela dialoga com aquele lugar, que é especial e significativo para ela, pois está expressando isso em seu desenho. O desenho tem uma lentidão que a palavra não tem, ele pode ser apagado, modificado. O que Juliana explica no momento em que a professora pergunta: - “A porta do seu prédio?”, certamente não será a mesma explicação se outra pessoa perguntar alguns minutos depois.

Arte, na educação, não se resume a momentos e atividades isolados. E, se estamos pretendendo a educação do “ser poético”, implicado na totalidade do olhar, da escuta, do movimento, que se expressa mobilizando todos os sentidos, será importante vermos tais ações como educação estética (mais do que o ensino de arte) que se realiza no dia a dia. (OSTETTO, 2011, p. 31)

Assim, como as pinturas que estão em museus e exposições não possuem legendas, os desenhos também não devem ter. Daniela nos fala de uma imersão na aventura que é desenhar, do desafio de criar com os olhos fechados e não saber o que está criando. Para nós que estamos observando pode parecer que ela não tem o domínio do que está desenhando, mas com certeza para ela é um ato de coragem, é arriscar-se, imaginar e poder se surpreender quando abrir os olhos. O desenho é linguagem, é sem dúvida uma produção carregada de significados.

### 5.3 O corpo fala através da dança, dos movimentos, da brincadeira.

Evento 5, dia 16/05/2018 ***“A gente também conhece esse né?”***

A turma chega no pátio, a professora faz uma breve roda para planejem o dia. Assim que a roda termina as crianças levantam-se e vão brincar no pátio.

*Paola* – “Agora quem quiser aula de balé comigo, vem!”

E se afasta para um espaço nos fundos do pátio, o mochileiro. Ela começa os movimentos... Juliana, Bia e Sofia repetem. Alguns minutos depois:

*Paola* – Agora vamos brincar de “Ana – Banana.”

As meninas fazem duplas, cantam a música da brincadeira e esticam as pernas ao máximo, depois voltam a dizer o nome dos movimentos do balé.

*Paola* – “Faz um polichinelo, pé de relógio, mão na cintura e tandi”.

*Juliana* – “A gente também conhece esse né, Bia?”

Sofia segura a mão de Paola e diz: - “A gente precisa treinar né, Paola?”

Sofia e Paola entram no prédio da escola, onde há um tapete emborrachado e uma cabana. Bia e Juliana vão atrás, tentam ir para o tapete, mas não há espaço para todas, voltam para o pátio.

Paola entra na casinha amarela correndo e diz: - Sala de balé aqui!

Também não há espaço para todas, elas saem da casinha amarela.

*Paola* – Vamos para outra sala!

Todas voltam para o mochileiro, onde a brincadeira de iniciou, logo, Paola volta ao seu papel de professora de balé, e inicia uma nova aula com Sofia, Juliana e Bia.



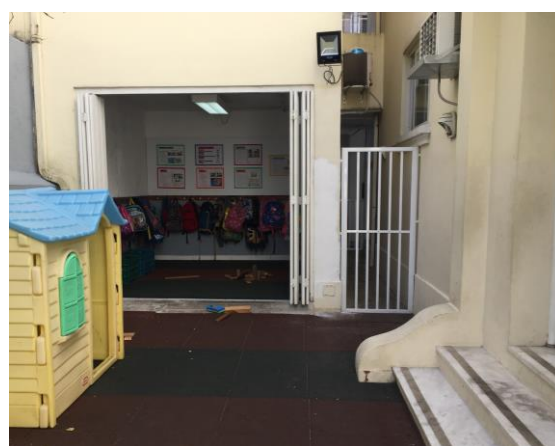
Primeira sala de aula: mochileiro.



Segunda sala de aula: espaço da cabana.



Terceira sala de aula: Casinha amarela que fica no pátio.



Mochileiro, onde tudo começou e para onde as meninas retornam depois das tentativas para encontrar uma sala de aula adequada para as aulas de balé.

No evento acima as meninas se manifestam através do corpo, da dança, trazem para a escola o balé que aprendem fora da instituição. Paola, Sofia, Juliana e Bia trazem consigo um universo de experiências, um repertório que pertence aquele grupo de bailarinas, e trocam entre si. Ao aparecerem em um momento de brincadeira livre, os movimentos que já experimentaram em outro momento, constituem linguagem, ao mesmo tempo, singular plural.

Vigotski (1989) defende a ideia de que a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, é uma relação mediada pelo outro. Para ele, essa mediação pode ser feita através de instrumentos (concreto) ou signos (simbólico). Logo, grande parte da ação do homem no mundo é mediada pela experiência dos outros, não precisamos viver tudo de primeira mão, aprendemos na troca com os pares, com a cultura, com o mundo.

As meninas imitam, reconstroem a realidade que foi observada em algum período de suas vidas. Criam algo novo a partir do que observaram. Recriam novas possibilidades de dançar, mesmo sem ter música. Elas vivenciam a oportunidade de potencializar suas capacidades através de suas ações de apropriação e ressignificação. Nessa brincadeira, elas atuam com todos os seus sentidos, cantam, dançam, tudo junto, o corpo está a serviço da alma, está plena (BARBIERI, 2017, p. 108).

Nosso corpo articula conexões entre tudo que vivemos, ele também percebe o invisível, o indizível. Com o corpo, percebemos o clima dos lugares em que entramos (BARBIERI, 2017, p.113).

Experimentar o corpo, os movimentos deve ser algo natural para as crianças, assim elas podem se conhecer cada vez mais. Ao mudar de espaço para a aula de balé, as meninas experimentam onde seus corpos podem movimentar-se da melhor maneira, testam espaços diferentes, e voltam para o que acham mais adequado. Elas se desafiam no espaço quando esticam as pernas até o limite máximo. Um conhecimento com o corpo. Precisamos escutar o nosso corpo, atender as suas necessidades, a sua fala.

#### 5.4 Artes plásticas: possibilidades com a ponta do lápis.

Evento 6, dia 07/06/2018. **“Terminei, pronto!”**

Início do dia na sala de apoio, mesa diversificada: papel, cola e ponta de lápis. As crianças vão chegando, se interessam e exploram os materiais.

Mariana está fazendo a colagem e cantarolando. Termina e entrega para a professora. Paola e Felipe também estão na mesa e continuam a atividade.

*Felipe* – “Quem vai me ajudar?”

Brinca com os pingos de cola que estão na mesa. Paola também termina e vai para outra mesa.

*Felipe* – “Quando eu vou conseguir acabar isso aqui? Eu vou passar aqui a minha vida inteira? A noite toda? Está doendo! Estou cansado! Por que a gente tem que fazer essas colagens difíceis de fazer?”

A professora não estava na mesa, no momento da atividade, mas escuta o menino e se aproxima.

*Professora* – “Foi uma proposta de atividade para a turma, todos podem experimentar. Uns gostam, outros não, não tem problema. Você pode tentar fazer a colagem de outro jeito. Por que você não tenta jogar as pontas todas de uma vez em cima da cola e balançar um pouco o papel?”

*Felipe* – “Assim foi mais rápido! Agora eu gostei. Pronto, terminei!”



Felipe fazendo a colagem com ponta de lápis.

“Pronto, terminei!” soa como um alívio em terminar algo que não estava feliz fazendo. Há a energia da entrega da atividade, responsável por algo que ele fez. Felipe poderia ter abandonado a atividade, mas preferiu continuar. Cada criança tem seu tempo de fruição, e inclusive por muitas vezes podem negar os materiais novos que lhe são oferecidos. Felipe é uma criança que adora desenhar, mas não é tão receptivo as novidades. Quando as professoras ofereciam papéis coloridos e com diferentes formatos, ele era um dos que pediam para desenhar no tradicional papel A4 branco. Para algumas crianças o professor precisa oferecer muitas e muitas vezes os suportes e materiais diferentes, para aumentar as possibilidades de criação.

O professor deve proporcionar momentos de atividades plásticas livre, onde não haja sua interferência. É preciso que as produções sejam valorizadas, que haja a oferta de diferentes materiais folhas, texturas, tamanho, formas, suportes e materiais para manuseio gráfico. A cada oferta de um novo material, novas possibilidades de experiências, linguagens, perguntas, possibilidades para que a criança nos mostre e perceba a sua potência criadora (LEITE, 2004).



## 6. Considerações finais

Diante de todas as leituras, idas à campo, reflexões, vejo que há muito para ser feito no campo das linguagens artísticas na Educação Infantil. Acredito que estamos caminhando para a melhoria na prática das diversas linguagens artísticas, apesar de muitos não saberem o quanto a arte nos educa para algo muito maior, algo que vai além da educação formal, burocrática que a sociedade impõe e cobra.

A pesquisa identifica e entende que os repertórios artísticos que as crianças trazem consigo é de extrema importância para ampliar cada vez mais a potência criadora de cada um. Na turma observada foi possível perceber que as linguagens artísticas estão muito presentes nos momentos livres das crianças nessa instituição. As crianças carregam consigo as experiências estéticas que as marcam e as transformam, as constituem como ser. Essas experiências vividas tanto na escola quanto fora dela tem grande relevância para a vida pessoal, elas afetam, emocionam, educam a carne, o corpo e a alma.

Desse modo, acredito que a escola Espaço Criarte não pensa em uma Educação Infantil que prepara para o Ensino Fundamental, e sim entendem esse momento como espaço de formação cultural. Mas devemos pensar nos caminhos que estão por vir, por trilhar. Apesar da pesquisa ter identificado que a instituição contribui muito para a formação do repertório artístico das crianças. Verificou também que são poucas as vezes onde as crianças podem experimentar as linguagens artísticas livremente, pois no planejamento diário não há atividades onde uma das linguagens artísticas seja trabalhada como algo de livre experimentação, sempre está relacionada com algo do projeto, que necessariamente levará a algum lugar.

Penso que a arte, nas suas mais diferentes manifestações – desenho, pintura, música, dança – traz as sutilezas e riquezas do homem como indivíduo e como parte de um contexto sociocultural. Em sua natureza singular, ela mostra um ponto de vista frente à realidade, provoca descobertas e transforma ideias, emoções e formas de reagir e agir no mundo e com o mundo. Logo, é preciso:

- Estabelecer o encontro com a arte, pois ele transforma. A arte não deve estar relacionada com as atividades de intuito meramente decorativo ou

burocrático. Deve estar conectada com experiências estéticas, possibilitando espaço para o criar, aventurar-se;

- Apresentar materiais, suportes diferentes para as crianças, criamos possibilidades para a experiência estética através do prazer, da criatividade, da contemplação de tudo o que a arte pode proporcionar;

- Garantir espaços de expressão e de ressignificação de sentimentos, de emoções, onde as crianças e adultos possam criar livremente;

- Estar atento às necessidades das crianças e professores, pois a realidade institucional impõe ritmos, mas o processo criativo deve ser respeitado, cada indivíduo é singular;

- Reconhecer a potência criadora das crianças; que elas tenham oportunidades de colocar para fora, se reconhecer como sujeito criador e vivenciar;

- Priorizar uma Educação Infantil onde haja educação para estética, educação dos sentimentos e emoções. Atividades que tenham desafios, investigações, que o cotidiano da Educação Infantil seja local de fruição;

- Pensar a arte como aquela que nos leva para um outro mundo e a infância como aquela que nos faz ser no mundo. Se doar por completo. Trabalhar com as diversas linguagens artísticas continuamente, tecer as práticas pedagógicas da Educação Infantil com a arte;

A arte integra potencialmente a formação do ser, do humano. Através da arte em geral, as crianças e nós, adultos e professores, nos conectamos com nossos sentimentos e damos forma à imaginação. É também através dela que podemos vivenciar experiências estéticas que nos formam e transformam em pessoas mais sensíveis. Acredito que sensibilidade não se ensina, mas podemos desenvolvê-la a partir de práticas que ampliam olhares, escutas, movimentos sensíveis; que buscam despertar linguagens adormecidas, que levem em conta o desenvolvimento sensível do corpo, da alma, das emoções e sentimentos.

## Bibliografia

BARBIERI, S. **Interações: onde está a arte na infância?** /S. Barbieri; Barouck, A.J.; Maria Cristina Carapeto L. Alvez, org. São Paulo: Blucher, 2012. Coleção Interações.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/CEB. Parecer CNE/ CEB nº20/2009 (Relator: Raimundo Moacir Feitosa) Resolução CNE/CEB nº 5º/2009 **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**, 2009.

BUBER, M. **El Camino Del Ser Humano y Otros Escritos**. Salamanca: Kadmos, 2003.

BUBER, M. **Sobre a Comunidade**. Seleção e Introdução de Marcelo Dascal e Oscar Zimmermann. Tradução de Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Perspectiva, 2012.

CORSARO, W. **Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas**. Educação e Sociedade, Campinas, v.26, n.91, maio/ago. de 2005, p.443-464.

CORSARO, W. **Sociologia da Infância**. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2011, p. 31-56.

DELEUZE, G. **O que as crianças dizem**; “Gaguejou”; “Lewis Carroll”. In: Crítica e clínica. Trad. Peter PálPelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

DIAS, K. S. **Formação Estética: Em busca do olhar sensível**. In: KRAMER, S.; LEITE, M. I.; NUNES, M. F. e GUIMARÃES, D. (Orgs.). Infância e Educação infantil. Campinas, SP: Papirus, 1999.

EVANGELISTA, A. **Diversidade na recepção estética**. In: PAIVA, A et ali. No fim do século a diversidade. Autêntica, 2000, p.109-120.

FERREIRA, M. **Criança tem voz própria (pelo menos para a Sociologia da Infância)**. A página da educação. n.117. Ano 11. Nov./2002. Disponível em: acesso em 27 de janeiro de 2015.

FULCONI, B.R. O. **Janelas, chaves e fechaduras: Entradas e travas da arte na educação infantil**. Monografia para obtenção do título de bacharel em Pedagogia. Campinas, SP: UNICAMP, 2010.

KRAMER, S. **Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças**. Cadernos de Pesquisa, n. 116, p. 41-59, julho/ 2002.

KRAMER, S. **Infância e educação: o necessário caminho de trabalhar contra a barbárie**. In: Kramer, Sonia, Leite, Maria Isabel, Nunes, Maria Fernanda, Guimarães Daniela. (Org.). Infância e educação infantil. São Paulo: Papirus, 1999.

KRAMER, S. **O papel social da educação infantil**. Revista Textos do Brasil, Brasília, Ministério da Relações exteriores, 1999.

LEITE, M. I. **A criança desenha ou o desenho criança? A resignificação da expressão plástica de crianças e a discussãocrítica do papel da escrita em seus desenhos**. In: Leite, Maria Isabel, Ostetto, Luciana Esmeralda (orgs.). Arte,

infância e formação de professores: autoria e transgressão. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

MOURA, M. T. **A brincadeira como encontro de todas as artes**. In: CORSINO, P. (org.) Educação infantil: cotidiano e políticas. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

NOGUEIRA, M. A. **Expressão Musical e a Criança de 0 a 5 anos**. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/451/1/01d14t08.pdf>, 2005.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 2009. p. 43 – 56; p. 57-74.

OSTETTO, L. **Educação infantil e arte: sentidos e práticas possíveis**. In: Caderno de formação: didática dos conteúdos formação de professores – Universidade Estadual Paulista. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

OSTETTO, L. **Para encantar, é preciso encantar-se: danças circulares na formação de professores**. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v30n80/v30n80a04.pdf>, 2010.

OSWALD, M. L. **Educação pela carne: estesia e os processos de criação**. In: Educação Experiência Estética. PASSOS, Mailsa Carla Pinto; PEREIRA, Rita Ribes (orgs.). Rio de Janeiro: NAU, 2011.

RINALDI, C. **O currículo emergente e o Construtivismo Social**. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; e FORMAN, George. (org). As cem linguagens das crianças. Porto Alegre: Artes Médicas: 1999.

SMOLKA, A. L. LEV S. **VIGOTSKI. Imaginação e criação na infância**. Editora: Ática, 2010.

TOLEDO, M. L. **Entre o exposto e o escondido, marcas e vestígios de pátios de escolas de Educação Infantil**. Rio de Janeiro, 2014. Tese de doutorado – Departamento de Educação, PUC – Rio.

TRIEWEILLER, P.C. **Repertórios artísticos-culturais de professores da Educação Infantil: Discursos e sentidos estéticos**. In: KRAMER, S. ROCHA, A. C. (orgs.) Educação Infantil: Enfoques em diálogo. 3ª edição. Campinas, SP: Papyrus, 2013, pp.85 - 102.

VIGOTSKI, L. S. **Arte e psicanálise**. In: Psicologia da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, Lev. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989, cap. 1 e 6.